

---

Recebido: 07-03-2025 | Aprovado: 19-05-2025 | DOI: <https://doi.org/10.23882/rmd.25294>

# Uma cidade portuguesa no coração do Brasil

## A Portuguese city in the heart of Brazil

**Francisco B. Gil,**

Universidade do Algarve, Portugal

(fgil@ualg.pt)

**Fábio d'Abadia de Sousa,**

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

(dabadia@mail.uft.edu.br)

### **Resumo:**

Neste texto, analisamos as principais semelhanças entre a arquitetura barroca da Cidade de Goiás (fundada em 1727, pelo bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva) e a arquitetura portuguesa. A cidade é o caso mais emblemáticos de preservação de construções do período colonial português no Centro-Oeste brasileiro, o que permite, claramente, identificar vários elementos arquitetónicos que são muito parecidos com os das edificações mais antigas encontradas em Portugal, principalmente na região sul de Portugal.

**Palavras-chave:** Janela de rótulas, arquitetura barroca, património histórico

### **Abstract:**

In this text, we analyze the main similarities between the Cidade de Goiás'baroque architecture - which was founded in 1727, by the gold explorer Bartolomeu Bueno da Silva (1672-1740) – and the portuguese urban buildings design. The Cidade de Goiás is the most emblematic case of preservations of constructions of the portuguese colonial period in the Brazilian Mid-West region, which clearly allows us, identify several architectural features that resembles ancient edifications found in Portugal, specially in the southermost region.

**Keywords:** Casement window, baroque architecture, historical heritage

## **Prólogo**

No dia 4 de janeiro de 2025, eu, Francisco Baptista Gil, docente e investigador na Universidade do Algarve, em Faro (Portugal), com 62 anos de idade, depois de 12 horas num voo iniciado no aeroporto internacional em Lisboa, desembarquei em Guarulhos, São Paulo, Brasil. A viagem tinha um objetivo: atender a um convite do professor Fábio d'Abadia de Sousa, de 56 anos, nativo do Estado de Goiás e radicado no Estado do Tocantins, onde leciona Fotojornalismo na Universidade do Tocantins (UFT), para conhecer a cidade de Goiás, a primeira capital goiana, fundada em 1727. Fábio lançou-me um desafio: apontar o quanto eu reconheceria da arquitetura tradicional portuguesa na Cidade de Goiás. Então, no dia 5 de janeiro, apanho o avião para Goiânia, a atual capital goiana, onde desembarco às 13h30. Depois de comer um empadão goiano no apartamento de Fábio, no vigésimo nono andar de um arranha-céus no bairro do Setor Oeste, reservamos o restante do dia para conhecer alguns pontos turísticos da capital goiana, como o parque Vaca Brava e a Feira do Sol. No dia 6 de janeiro, às 7h00, partimos num carro alugado em direção à Cidade de Goiás.

## **Quanta história num só lugar!**

Quando eu e o Fábio entramos na antiga capital goiana, foi impossível escondermos o deslumbramento! Em cada canto encontra-se um pouco de história. Trata-se de uma cidade fundada em 1727 por exploradores paulistas, conhecidos como bandeirantes (descendentes de portugueses em São Paulo, incluindo também indivíduos de ascendência galega, castelhana e cristãos-novos), pois a cidade pertencia à Capitania de São Paulo. O motivo que levou os bandeirantes – liderados por Bartolomeu Bueno da Silva Filho (1672-1740) – (o Anhanguera) – foi a descoberta de ouro em pleno território dos índios Goiasés. Dos nativos da etnia Goiá, infelizmente, só ficou o nome. A futura cidade de Goiás surgiu ao longo de um trecho do Rio Vermelho, onde havia uma abundância de metais preciosos. Nasceu a partir de um vilarejo denominado de Arraial de Santana, que logo se transformou na principal aglomeração de pessoas não nativas da região. Quando foi fundada a Capitania de Goiás, em 1748, o Arraial de Santana passou a chamar-se Goiás e foi elevado à condição de capital, o que durou até 1937, quando foi feita a transferência da capital do Estado para Goiânia. Ao perder essa condição, a cidade

de Goiás ficou esquecida no tempo, facto que foi essencial para a preservação da sua arquitetura barroco-portuguesa. O esgotamento da exploração do ouro encontrado na região também foi fundamental para a preservação da arquitetura que observamos hoje.

A cidade de Goiás pertenceu à coroa portuguesa até 1822, data em que o Brasil se tornou independente. Portugal deixou o Brasil e, é claro, a Cidade de Goiás, apenas para os brasileiros e os goianos. Mas uma conspiração de eventos importantes fez com que as marcas da colonização portuguesa ficassem eternizadas nas casas, ruas, igrejas, prédios públicos e monumentos da cidade. Entre tantos fatores que contribuíram para a preservação da história da primeira capital goiana, está também o reconhecimento do valor histórico da cidade como património mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), em 2001. O reconhecimento só aconteceu em virtude do esforço dos moradores locais em preservar os aspectos originais da cidade ao longo dos séculos. Cada morador da cidade de Goiás se apresenta como um guardião orgulhoso na defesa da rica história local. Dica fundamental para quem for visitar a cidade: jamais a chame de “Goiás Velho”. Esse nome é considerado ofensivo pelos moradores locais!

**Figura 1** - casario da Cidade de Goiás e calçamento romano



Então, ao chegar à cidade de Goiás e caminhar pelas suas ruas calçadas com pedras irregulares, ao estilo romano (é o mesmo calçamento encontrado, por exemplo, em Pompeia – a cidade napolitana que ficou quase dois mil soterrada sob as cinzas de um vulcão – ou na Via Ápia (Itália), a primeira grande estrada do império que conquistou quase o mundo todo) é mais ou menos como voltar no tempo e no espaço e poder caminhar por uma pequena e antiga cidade portuguesa. Portugal deixou a cidade de Goiás para trás, mas nas suas janelas, portas e detalhes arquitetônicos típicos do barroco português, lá estão as lembranças de uma descendente que não nega seu passado além-mar. A cidade de Goiás é uma filha europeia e portuguesa que prosperou no centro do continente sul-americano, graças aos bandeirantes descendentes dos desbravadores que um dia cruzaram o oceano Atlântico em busca de novas riquezas e aventuras.

O estilo português predominante na arquitetura da Cidade de Goiás é muito próximo, por exemplo, ao das construções do Algarve, região no extremo sul de Portugal. As semelhanças começam nos soalhos, passam pelas portas, janelas e adornos das fachadas e terminam no colorido suave das paredes externas e nos encantadores telhados feitos com telhas artesanais cunhadas pelas mãos (e, é claro, pelas pernas) dos escravos trazidos à força da África.

**Figura 2** - Delegacia Regional do Trabalho, Goiás



Quando analisamos o prédio onde hoje funciona a Delegacia Regional do Trabalho, na principal avenida da antiga capital goiana, fica clara a influência algarvia e portuguesa. A porta principal, em madeira maciça, por exemplo, não permite o acesso imediato ao interior da casa, mas a um estreito corredor de mais ou menos três metros de comprimento que leva a uma segunda porta reforçada, e, esta, sim, é a que acessará à sala de estar e às outras divisões da casa. Este recurso das duas portas era uma medida de proteção extra para os moradores, no caso de uma invasão. A preocupação com a segurança das habitações é também uma herança portuguesa e pode ser observada também no facto das construções serem geminadas, ou seja, coladas umas às outras, o que também dificultaria uma eventual invasão pela frente da casa. Na fachada externa, observa-se um frontão, detalhe triangular acima da porta de entrada e que serve como ornamento e onde também se coloca a data da construção.

Esta data escrita na fachada das casas, permite concluir que mesmo nas construções mais “recentes”, ou seja, feitas nas primeiras duas décadas do século XX, há mais ou menos 100 anos após a independência do Brasil, o padrão das construções algarvias ainda preponderava nas casas feitas na cidade de Goiás.

Chama muito a atenção a semelhança dos ornamentos das fachadas das construções da cidade Goiás com os adornos das edificações feitas no Algarve. São muito parecidos com os que se observa em Portugal, exceto pelo material utilizado. A fachada da Igreja da Nossa Senhora da Boa Morte (construída em 1779 e hoje transformada em museu), por exemplo, é muito semelhante com a fachada principal da Ermida de Santo António do Alto (construída em 1500, na cidade de Faro, no Algarve). Em Portugal, o material utilizado para adornar os cantos da igreja, bem como os outros enfeites na fachada são todos feitos em pedra, já em Goiás, utilizou-se, parece-nos, o betão e a madeira.

**Figura 3** - Igreja da Nossa Senhora da Boa Morte, Goiás e Ermida Santo António do Alto, Faro



Um dos aspetos mais charmosos e impressionantes das construções da Cidade de Goiás ao estilo português são as suas janelas de madeira com venezianas na parte de baixo e vidros na parte superior. Janelas que oferecem iluminação e ventilação sem comprometer a privacidade dos moradores. Denominadas janelas em adufa ou em rótulas, são popularmente conhecidas como “janelas em tabuinhas”. Estão presentes nalgumas cidades mais antigas de Portugal, inclusive na parte mais tradicional de Lisboa, a que não foi totalmente destruída pelo terremoto de 1755.

**Figura 4** - janela com tabuinhas



Atualmente, as modernas janelas das casas portuguesas têm características muito diferentes; elas são nos mais variados estilos, mas prevalecem as que são constituídas de duas seções de vidros que deslizam horizontalmente e uma parte formada por de uma espécie de “persiana em cortina de alumínio”, com minúsculos furos e que pode ser totalmente enrolada e escondida em um compartimento horizontal acima da parte de vidro.

Não existe um levantamento preciso, mas é possível que as “janelas em tabuinhas” sejam mais comuns na Cidade de Goiás do que na maioria das cidades portuguesas consideradas de interesse histórico. Elas ainda existem em Portugal, mas como verdadeiras relíquias que lembram um tempo em que a vida era mais rural e em que todos se conheciam nas pequenas cidades. Conheciam-se tanto, que quando se desejava um pouco de privacidade em relação às curiosidades dos vizinhos, bastava fechar as “janelas com tabuinhas”. Esta situação é cantada nos versos do fado *A casa da Mariquinhas*, de autoria do dramaturgo e poeta português João Silva Tavares (1893-1964), e imortalizada na voz de Alfredo Rodrigo Duarte (1891- 1982), o Alfredo Marceneiro.

É numa rua bizarra  
A casa da mariquinhas  
Tem na sala uma guitarra  
E janelas com tabuinhas

Vive com muitas amigas  
Aquela de quem vos falo  
E não há maior regalo  
Que a vida de raparigas  
É doida pelas cantigas  
Como no campo a cigarra  
Canta o fado à guitarra  
De comovida até chora  
A casa alegre onde mora  
É numa rua bizarra

Para se tornar notada  
Usa coisas esquisitas  
Muitas rendas, muitas fitas  
Lenços de cor variada.  
Pretendida, desejada  
Altiva como as rainhas  
Ri das muitas, coitadinhas  
Que a censuram rudemente

Por verem cheia de gente  
A casa da mariquinhas

É de aparência singela  
Mas muito mal mobilada  
E no fundo não vale nada  
O tudo da casa dela

No vão de cada janela  
Sobre coluna, uma jarra  
Colchas de chita com barra  
Quadros de gosto magano  
Em vez de ter um piano  
Tem na sala uma guitarra

P'ra guardar o parco espólio  
Um cofre forte comprou  
E como o gás acabou  
Ilumina-se a petróleo.  
Limpa as mobílias com óleo  
De amêndoa doce e mesquinhas  
Passam defronte as vizinhas  
P'ra ver o que lá se passa  
Mas ela tem por pirraça  
Janelas com tabuinhas

(Autor: Silva Tavares / Intérprete: Alfredo Marceneiro)

**Figura 5** – Alfredo Marceneiro, A Casa da Mariquinhas (vídeo).



Nesta canção, a Mariquinhas, resguardada pelas “janelas com tabuinhas”, é uma personagem individualizada, uma simples “rapariga” (em Portugal, esta palavra não significa prostituta, conforme ocorre no Brasil) que chama a atenção dos vizinhos por receber muitas pessoas em sua casa decorada com coisas singelas e humildes. Apesar da subtileza do narrador, a Mariquinhas é, sim, uma rapariga no sentido brasileiro, uma prostituta. Isso não a torna menos digna. Ela parece ser até invejada pelas vizinhas, que, quando podem, passam em frente à sua casa, para espreitar um pouco da animação que lá ocorre.

Em Portugal, a expressão “Casa da Mariquinhas” não se refere, no entanto, a uma pessoa especificamente, mas a um local onde se praticava a prostituição:

Quanto à casa da Mariquinhas era uma casa de passe onde moravam prostitutas em Portugal; essas casas foram toleradas até o ano de 1962, mas deviam ser discretas. Ficavam nas ruas um pouco afastadas das grandes ruas: “é uma rua bizarra”. As prostitutas não deviam convidar ou aliciar os transeuntes pelas janelas: assim explicam-se as “janelas com tabuinhas”. (PORTAL DO FADO, 2025)

As “janelas com tabuinhas” são também grande trunfo que protege um pouco a privacidade das trabalhadoras do sexo e seus clientes da curiosidade de seus bisbilhoteiros e maledicentes vizinhos. As moradoras passam em frente à casa da Mariquinhas para tentar devassar os detalhes do que realmente acontece no interior da residência “do pecado”. Mas a casa é indevassável, graças às janelas com tabuinhas! As vizinhas terão que continuar frustradas nos seus desejos de mexericos! Se os seus maridos também frequentam o local, trata-se de um segredo que só é revelado para quem a Mariquinhas permite entrar! A felicidade do local é rigorosamente protegida pelas “janelas com tabuinhas”!

Parece que a felicidade realmente pairava no ar das “casas das Mariquinhas”! São vários os fados que lamentam profundamente a proibição, pelo regime de António de Oliveira Salazar (1889-1970), dos locais de divertimento protegidos pelas “janelas com tabuinhas”. Um deles – de autoria de Alberto Janes (1909-1971), um dos mais respeitados compositores portugueses dos anos 1960, foi imortalizado na voz da mais reverenciada cantora portuguesa de todos os tempos: Amália Rodrigues (1920-1999). Com o seu canto, a “Rainha do Fado”, triste e esplendidamente, lamentou o encerramento da casa da

Mariquinhas, que reabriu como “casa de usura” e que colocou uma vidraça no lugar das “janelas com tabuinhas”! A arquitetura e a decoração do acolhimento e da privacidade foi toda substituída por elementos frios do mundo implacável dos negócios, da masculinidade excessiva, do dinheiro e da cobrança absurda de juros! Como não lamentar?!

### **Vou dar de beber à dor**

Foi no Domingo passado que passei  
À casa onde vivia a Mariquinhas  
Mas está tudo tão mudado que não vi em nenhum lado  
As tais janelas que tinham tabuinhas  
Do rés-do-chão ao telhado não vi nada, nada, nada  
Que pudesse recordar-me a Mariquinhas  
E há um vidro pregado e azulado  
Onde havia as tabuinhas

Entrei e onde era a sala agora está  
À secretária um sujeito que é lingrinhas  
Mas não vi colchas com barra, nem viola, nem guitarra  
Nem espreitadelas furtivas das vizinhas  
O tempo cravou a garra na alma daquela casa  
Onde às vezes petiscávamos sardinhas  
Quando em noites de guitarra e de farra  
Estava alegre a Mariquinhas

As janelas tão garridas que ficavam  
Com cortinados de chita às pintinhas  
Perderam de todo a graça porque é hoje uma vidraça  
Com cercaduras de lata às voltinhas  
E lá p'ra dentro quem passa hoje é p'ra ir aos penhores  
Entregar ao usurário umas coisinhas  
Pois chega a esta desgraça toda a graça  
Da casa da Mariquinhas (...)

(autor: Alberto Janes / intérprete: Amália Rodrigues)  
(<https://www.youtube.com/watch?v=zaPAkYVcXPw> )

Fazemos toda esta discussão sobre a “casa da Mariquinhas” para ressaltarmos a importância do feito enorme que os brasileiros, nesse caso específico os goianos, conseguiram ao preservar uma arquitetura que está em extinção nas próprias cidades portuguesas. Ao lamentarmos, através do fado, a perda de aspectos arquitetónicos que definiram gerações em Portugal, estamos a reconhecer o quanto a arquitetura é fundamental na manutenção da

identidade de um povo. Isso reforça o mérito da cidade natal da poetisa Cora Coralina (1889-1985) como exemplo de preservação para os goianos, os brasileiros, os portugueses e, é claro, para a humanidade. Isso permite afirmarmos que se a “casa da Mariquinhas” fosse na Cidade de Goiás, ela possivelmente ainda existiria. E como se trata de cidade reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, as “janelas com tabuinhas” têm a possibilidade de continuarem preservadas por tempo indeterminado.

As “janelas com tabuinhas” ainda existem em Portugal. São cada vez mais raras, mas ainda estão lá. Talvez uma das cidades onde estas se mantêm seja em Beja, no Alentejo. Trata-se de uma localidade que tem uma história muito rica e que, é claro, se confunde com a toda evolução histórica de Portugal e da Língua Portuguesa.

De acordo com dados oficiais disponibilizados na internet, a cidade teria sido fundada por volta do ano 400 a.C. pelos celtas ou célticos, povo que foi um dos primeiros a se estabelecer na Península Ibérica. A cidade teria sido, inclusive, ocupada pelos cartagineses, durante as Guerras Púnicas (disputas entre Roma e Cartago), no século III a.C., antes da derrota final de Cartago pelos romanos, que, então, ocuparam toda a Europa. Beja, então, assim como toda a Península Ibérica, por mais de seis séculos, fez parte do Império Romano. Com a queda de Roma, no século V, a região foi ocupada por povos “bárbaros”, principalmente os visigodos. Depois foi conquistada pelos “mourros”, denominação genérica dada aos povos árabes que ocuparam a região por vários séculos. Em 1808, foi vez dos franceses invadirem e ocuparem a região, sob o domínio de Napoleão Bonaparte, evento que resultou, inclusive, na fuga da família real portuguesa para o Brasil.

De todos esses povos que ocuparam Portugal, acredita-se que as “janelas com tabuinhas” tenham sido uma herança dos árabes. Então, a Cidade de Goiás, traz hoje em sua pacata arquitetura e, principalmente nas suas janelas, essa herança de séculos e séculos de guerras, ocupações, expulsões, mortes, genocídios, derrotas, carnificinas e vitórias e conquistas. A dizimação da etnia dos índios goiases foi apenas mais uma entre tantas. A escravidão das populações africanas foi apenas mais uma das inúmeras crueldades. Talvez possamos afirmar que nas pacatas janelas da Cidade de Goiás está escrita a história da humanidade ocidental inteira. É uma história de lágrimas e muita dor! É a história contada pelos vencedores! É uma história cruel! Mas é história do que podemos ter como humanidade!

Quando caminhamos pelas ruas da cidade de Cora Coralina e da sua arquitetura com muitos séculos, podemos perceber que há muito amor também! Amor pelos antepassados. Como humanos, não somos só destruição! Somos, antes de tudo, seres em construção! E o amor pelos nossos ancestrais é o que nos faz enfrentar tudo para sobreviver! Não é o ódio a emoção fundamental que nos guia! É o amor!

Obrigado, povo goiano, por preservarem, com tanto amor, a belíssima Cidade de Goiás!

### **Fontes bibliográficas**

Governo de Goiás (2025, março 18). Cidade de Goiás. <https://n9.cl/2k7ftb>

Mais Beja (2017, março 03). Janela de rótulas. <https://n9.cl/7r8tl>

Portal do Fado (2012, maio 16). A Casa da Mariquinhas. <https://n9.cl/i6ftp>

Sousa, I., & André, P. (2019). Muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e Mouraria: reinventar a tradição. *Antologia de ensaios: laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes: V seminário de investigação, ensino e difusão*. <https://n9.cl/swo40>